

AUTOMEDICAÇÃO E USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS EM CRIANÇAS DE ZERO A DOZE ANOS: ESTUDO PILOTO

Palavras-Chave: AUTOMEDICAÇÃO, PEDIATRIA, SAÚDE DA CRIANÇA

Autores/as:

JÉSSICA TERWEDOW ARAÚJO, FCF - UNICAMP

Prof.^(a) Dr.^(a) PATRICIA MORIEL (orientador/a), FCF - UNICAMP

Prof.^(a) MARÍLIA BERLOFA VISACRI (coorientador/a), FCF - USP

INTRODUÇÃO:

O uso irracional de medicamentos é um problema mundial, sendo estimado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) que mais de 50% dos medicamentos são prescritos, vendidos ou dispensados de forma inadequada e cerca de metade das pessoas os consomem incorretamente (WORLD HEALTH ORGANIZATION).

Um dos fatores que contribui para o uso inadequado de medicamentos é a automedicação que compreende a seleção e utilização de medicamentos para o alívio de sintomas ou tratamento de doenças autolimitadas e autodiagnosticadas, sem orientação médica (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2000). A automedicação quando realizada de forma inadequada pode gerar diversos danos à saúde do usuário, como efeitos adversos, alergias, interações medicamentosas, erros de dosagem e intoxicações, agravos e mascaramento de doenças, entre outros (BECKHAUSER *et al.*, 2010; BELO *et al.*, 2017; LIMA *et al.*, 2019).

Esses problemas se tornam mais preocupantes ao se tratar de crianças devido à sua imaturidade fisiológica que pode impactar na farmacocinética e na farmacodinâmica (MANIERO *et al.*, 2018; YUAN *et al.*, 2022). Vale acrescentar que muitas vezes a dose utilizada dos medicamentos para esse público é baseada em uma extrapolação das doses de adultos, sem considerar essas diferenças fisiológicas (MANIERO *et al.*, 2018; CARVALHO *et al.*, 2008). Além disso, as crianças menores dependem diretamente da mãe, pai ou responsável para receberem seus medicamentos. Tudo isso torna o risco de desenvolvimento de eventos adversos muito maior nesta população (LIMA *et al.*, 2019; GE *et al.*, 2021).

Diante deste contexto, o objetivo desse estudo foi validar um formulário previamente construído com base em uma revisão na literatura e avaliação por três professores da área da saúde e três profissionais farmacêuticos. Além de analisar a prática da automedicação e o uso racional de medicamentos em crianças de zero a doze anos.

METODOLOGIA:

Trata-se de um estudo piloto descritivo e observacional do tipo transversal realizado na comunidade da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Este projeto, o formulário utilizado e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (CAAE: 72026723.0.0000.5404).

Foram incluídas neste estudo vinte mães, pais ou responsáveis por crianças de zero a doze anos, que estavam em seu ambiente de trabalho na UNICAMP, que aceitaram participar do estudo assinando o TCLE e que responderam todas as perguntas do formulário. O convite para participação do estudo foi realizado no ambiente de trabalho dos possíveis participantes, onde era feita uma breve explicação sobre a pesquisa e o formulário. Em caso de aceite era apresentado o TCLE para que assinassem.

A partir disso, foi conduzida a entrevista face-a-face seguindo as questões do formulário e todas as respostas obtidas foram registradas, bem como o tempo utilizado para a aplicação do formulário e as percepções da pesquisadora acerca da eficiência e da clareza das perguntas para posterior revisão do formulário. Ao final, era feita uma breve orientação verbal e entrega de folders sobre os riscos da automedicação e a importância do uso racional de medicamentos, incluindo tópicos sobre armazenamento, administração e descarte de medicamentos.

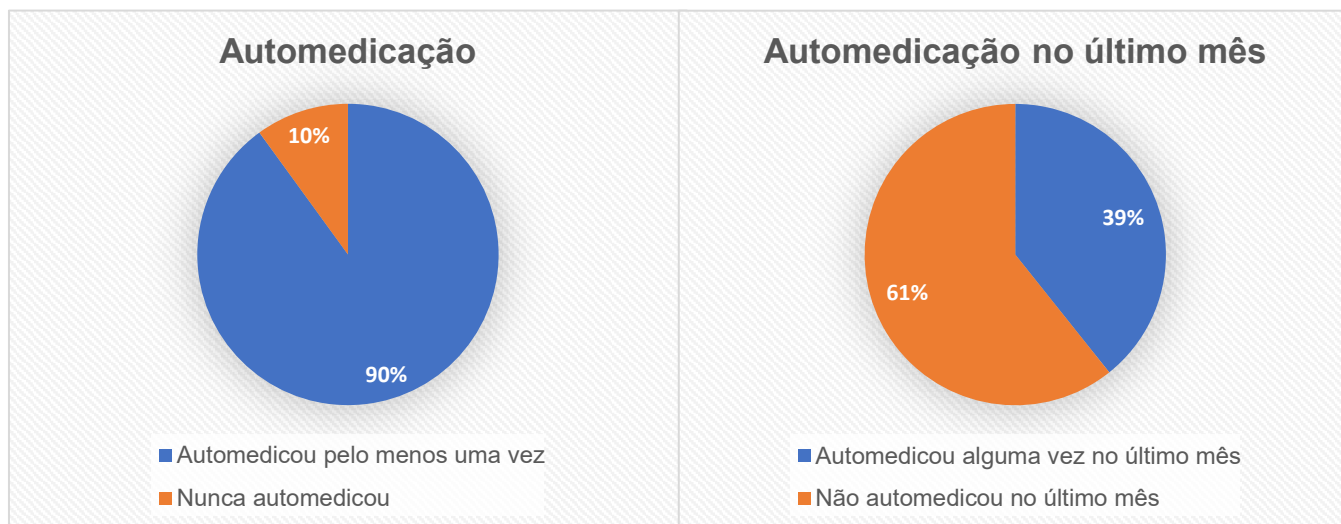
Todos os dados obtidos através do formulário foram armazenados em planilha de Microsoft Excel. Foi realizada análise descritiva de frequência absoluta e percentual para as variáveis categóricas e medidas de posição (médias e mediana) e medidas de dispersão (desvio-padrão e intervalo) para as variáveis numéricas. Para analisar a associação entre variáveis sociodemográficas e clínicas das mães, pais ou responsáveis e a automedicação, foram usados os testes Chi-quadrado, exato de Fisher e Mann-Whitney através do programa *Statistics Program for the Social Science for Windows (SPSS)*. O nível de significância adotado foi de 5% ($p < 0,05$).

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

No total, foram convidadas quarenta e cinco pessoas para conseguir o total de vinte mães, pais ou responsáveis por crianças de zero a doze anos necessários para aplicação do formulário. O tempo total gasto para aplicação do formulário foi em média 25 minutos, sendo o intervalo de 18-37 minutos. As questões do formulário foram revisadas e alteradas para garantir que o formulário seja adequado e possa servir de base para futuros estudos.

Foram incluídos 20 participantes com idade média de 39,9 anos, amostra predominantemente branca (55%), solteira (80%), com pós-graduação completa (55%), renda familiar entre 10 e 20 salários mínimos (35%) e mães (75%). Em relação às crianças, a maioria era do gênero feminino (55%), com idade média de 6,8 anos, tinha plano de saúde (75%), com saúde considerada muito boa (55%) e última vez que foi ao médico foi entre 2 e 6 meses antes da entrevista (45%).

Do total dos 20 participantes, 90% já havia automedicado a criança alguma vez e, dentro desses, 39% havia automedicado no último mês, sendo que 56% relatou automedicar a criança “às vezes”. Os motivos mais prevalentes para a automedicação foram: experiência ou conhecimento anterior com a doença ou com o medicamento (100%), considerar os sintomas como um problema de saúde simples (67%), o tempo de espera para consulta ser muito longo (44%) e praticidade (39%).



Gráficos 1 e 2 – Prevalência de Automedicação pelo menos uma vez e Prevalência de Automedicação no último mês.

As situações em que mais houve automedicação foram: febre (94%), dor de cabeça (72%), catarro no nariz (61%), tosse sem catarro (66%), tosse com catarro (56%), dor de garganta (44%) e cólica ou dor abdominal (44%). Os medicamentos mais utilizados nesse contexto foram: analgésicos e antitérmicos (100%), antitussígenos (56%), descongestionantes nasais (50%), anti-inflamatórios (44%), antialérgicos (44%) e antiespasmódicos (39%).

Situações que automedicou (n, %)	Produtos que utilizou (n, %)
Febre 17 (94)	Analgésicos e antitérmicos 18 (100)
Dor de cabeça 13 (72)	Antitussígenos 10 (56)
Catarro no nariz 11 (61)	Descongestionantes nasais 9 (50)
Tosse sem catarro 11 (61)	Anti-inflamatórios 8 (44)
Tosse com catarro 10 (56)	Antialérgicos 8 (44)
Dor de garganta 8 (44)	Antiespasmódicos 7 (39)
Cólica ou dor abdominal 8 (44)	Antiparasitários 6 (33)
Vômito 4 (22)	Remédios à base de plantas 6 (33)
Diarreia 4 (22)	Antieméticos 2 (11)
Intestino preso 4 (22)	Antidiarreicos 2 (11)
Fortalecer o sistema imunológico 4 (22)	Antibióticos 2 (11)
Problemas na pele 4 (22)	Vitaminas e suplementos alimentares 2 (11)
Problemas no ouvido 3 (17)	Homeopáticos 2 (11)
Cociceira 3 (17)	
Falta de apetite 2 (11)	
Dor de dente 1 (5)	

Tabela 1 – Situações que automedicou e produtos que utilizou.

Em relação ao uso racional de medicamentos, 100% obtém informações com profissionais de saúde e 90% das bulas dos medicamentos. 95% guarda os medicamentos em casa e, dentro desses, 53% guarda no armário ou gaveta da cozinha, sendo que em 89% dos casos é para usar em emergências. Todos os participantes (100%) olham a validade dos medicamentos e 65% descartam os medicamentos no lixo comum, enquanto que 40% leva no postinho ou na farmácia.

As formas preferidas para receber informações sobre saúde para os adultos foram: vídeos (60%), folders ou panfletos (50%), palestras presenciais (40%) e postagens em redes sociais (35%). Já para as crianças foram: brincadeiras (60%), jogos de tabuleiro ou cartas (55%), teatro (55%) e fantoches (40%).

Foram realizados alguns testes de associação entre algumas variáveis e houve associação significativa entre a idade do responsável e automedicação no último mês, sendo que responsáveis mais jovens automedicaram mais os filhos no último mês (Teste Mann-whitney, $p = 0,040$). Também houve associação entre a criança ter tido um problema de saúde no último mês e automedicação no último mês, assim, crianças com problema de saúde no último mês foram mais automedicadas no período (Teste Exato de Fisher, $p = 0,017$).

CONCLUSÕES:

Os resultados deste estudo piloto sugerem que a automedicação é uma prática muito frequente, principalmente quando há experiência ou conhecimento anterior com a doença ou com o medicamento ou quando os sintomas são considerados como um problema de saúde simples. Em relação à automedicação no último mês, esta foi associada, obviamente, à criança ter apresentado problemas de saúde no mesmo período e, também, a responsáveis com menor idade.

Entretanto, o objetivo do estudo foi a validação final do formulário desenvolvido, por isso, foi aplicado em um grupo restrito de pessoas e os resultados obtidos não podem ser generalizados para o resto da população. Assim, há a necessidade de realização de uma pesquisa ampliada para possibilitar um estudo mais profundo e obter resultados estatisticamente significativos, além de propor estratégias educativas para promover o uso racional de medicamentos no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

BECKHAUSER, G. C. *et al.* Utilização de medicamentos na Pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 28, n. 3, p. 262–268, 2010.

BELO, N. *et al.* Automedicação em idade pediátrica. **Nascer e Crescer - Birth and Growth Medical Journal**, v. 26, n. 4, p. 234-239, 2017.

CARVALHO, D. C.; TREVISOL, F. S.; MENEGALI, B. T.; TREVISOL, D. J. Uso de medicamentos em crianças de zero a seis anos matriculadas em creches de Tubarão, Santa Catarina. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 26, n. 3, p. 238-244, Set 2008.

GE, J. *et al.* Factors associated with self-medication in children and the decomposition of rural-urban disparities in China. **BMC Public Health**, v. 21, n. 1, p. 2123, 2021.

LIMA, M. F. P. *et al.* A prática da automedicação em criança por pais e responsáveis. **HOLOS**, v. 5, n. 35, p. 1-13, 2019.

MANIERO, H. K.; MARTINS, A. A.; MELO, A. C.; PAZ, L. P. S. *et al.* Uso de medicamentos em crianças de zero a cinco anos de idade residentes no município de Tubarão, Santa Catarina. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 36, n. 4, p. 437-444, Out 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Promoting rational use of medicines. Disponível em: <<https://www.who.int/activities/promoting-rational-use-of-medicines/>>. Acesso em 03 de julho de 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Guidelines for the Regulatory Assessment of Medicinal Products for use in Self-Medication. Geneva, 2000.

YUAN, J. *et al.* Prevalence and risk factors of self-medication among the pediatric population in China: A national survey. **Frontiers in Public Health**, v. 9, n. 1, p. 1-6, 2022.